

# A IMPORTÂNCIA DE SAÍDAS PEDAGÓGICAS PARA A APRENDIZAGEM EM HISTÓRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II



## THE IMPORTANCE OF EDUCATIONAL FIELD TRIPS FOR LEARNING HISTORY IN MIDDLE SCHOOL

**ANA CAROLINE SOUSA DE ARAÚJO**

Professora de Ensino Fundamental II – História– na EMEF Teodomiro Toledo Piza, Des., Pós-Graduação em Arte Educação– Universidade Senac– (2021 – 2022) Pós-graduação em Ensino Lúdico e Práticas Pedagógicas– Universidade Sumaré – (2022 – 2023) Licenciatura em Pedagogia, Universidade Sumaré (2018–2020) Licenciatura em História, Universidade Sumaré (2019–2022) Pós-Graduação em Administração em Marketing, Universidade Mackenzie (2010–2012) Bacharel em Turismo, Universidade Paulista (UNIP) (2005–2009)

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a importância das saídas pedagógicas como estratégia fundamental para a aprendizagem em História no Ensino Fundamental II, destacando seu papel na construção do conhecimento histórico, na formação cidadã, no fortalecimento da identidade cultural e na valorização da memória coletiva. A pesquisa foi desenvolvida por meio de revisão bibliográfica, fundamentada em livros, artigos científicos, documentos educacionais e estudos que discutem o ensino de História, a educação crítica e a aprendizagem em espaços não escolares. Foram examinadas contribuições teóricas que demonstram como o contato direto com patrimônios, sítios históricos, museus e espaços de memória permite que os estudantes compreendam a realidade social, valorizem saberes locais e desenvolvam uma relação ativa com o conhecimento. Os resultados esperados apontam que as saídas pedagógicas tornam os conteúdos históricos mais concretos e significativos, contribuindo para o desenvolvimento do pensamento crítico, da consciência histórica e do sentimento de pertencimento dos alunos. Espera-se demonstrar que a vivência prática, associada à reflexão sobre os contextos sociais, culturais e econômicos dos locais visitados, favorece a formação de sujeitos capazes de relacionar o passado ao presente, compreender transformações e permanências e atuar de forma consciente na sociedade. Conclui-se que as saídas pedagógicas possuem grande potencial educativo ao aproximar a teoria da prática, permitindo que os alunos aprendam História a partir de experiências reais. Nesse sentido, o uso de espaços fora da escola como ambientes de aprendizagem enriquece o processo de ensino e aprendizagem, fortalece a identidade cultural, amplia o diálogo entre instituição escolar e comunidade e contribui para a formação de cidadãos críticos, participativos e comprometidos com a valorização e preservação do patrimônio histórico e cultural.

**Palavras-chave:** Ensino de História; Saídas Pedagógicas; Ensino Fundamental II; Identidade Cultural; Consciência Histórica.

## ABSTRACT

This article aims to analyze the importance of educational field trips as a fundamental strategy for learning History in lower secondary education (Ensino Fundamental II), highlighting their role in constructing historical knowledge, fostering citizenship, strengthening cultural identity, and valuing collective memory. The research was conducted through a literature review based on books, scientific articles, educational documents, and studies discussing History teaching, critical education, and learning in non-school settings. Theoretical contributions were examined to demonstrate how direct contact with heritage sites, historical locations, museums, and spaces of memory enables students to understand social reality, value local knowledge, and develop an active relationship with knowledge. The expected results indicate that educational field trips make historical content more concrete and meaningful, contributing to the development of critical thinking, historical consciousness, and a sense of belonging among students. The study aims to demonstrate that practical experience—combined with reflection on the social, cultural, and economic contexts of the sites visited—fosters the development of individuals capable of connecting the past to the present, understanding transformations and continuities, and acting consciously within society. It is concluded that educational field trips hold great educational potential by bridging theory and practice, allowing students to learn History through real-world experiences. In this sense, utilizing spaces outside the school as learning environments enriches the teaching-learning process, strengthens cultural identity, expands dialogue between the school and the community, and contributes to the formation of citizens who are critical, participatory, and committed to valuing and preserving historical and cultural heritage.

**Keywords:** History Teaching; Educational Field Trips; Lower Secondary Education; Cultural Identity; Historical Consciousness.

## INTRODUÇÃO

O ensino de História no Ensino Fundamental II configura-se como um processo fundamental para a constituição da consciência histórica, da identidade cultural e para a formação cidadã, uma vez que possibilita aos estudantes compreenderem os processos, as dinâmicas e as transformações que permeiam a sociedade em suas dimensões temporal e espacial. Contudo, tal aprendizagem frequentemente se apresenta como um desafio pedagógico, visto que, em muitos contextos, restringe-se à transmissão de conteúdos abstratos, desvinculados da realidade vivida pelos educandos e baseados prioritariamente em fontes textuais contidas nos materiais didáticos. Nesse sentido, torna-se necessário adotar estratégias metodológicas que promovam a aproximação entre o conhecimento histórico e o universo dos alunos, favorecendo uma compreensão mais crítica, significativa e contextualizada dos fenômenos estudados.

Entre essas estratégias, destacam-se as saídas pedagógicas, compreendidas como atividades educativas realizadas fora do espaço físico da escola, que utilizam diferentes ambientes — tais como museus, sítios históricos, arquivos, centros culturais, patrimônios materiais e imateriais e espaços urbanos ou naturais — como campos de investigação e de construção do saber. Fundamentadas nos pressupostos da educação patrimonial e da aprendizagem significativa, essas experiências permitem que os estudantes entrem em contato direto com vestígios, documentos e manifestações que constituem fontes primárias de informação histórica, possibilitando a análise, a interpretação e a problematização dos conteúdos trabalhados em sala de aula.

Ao deslocar o processo de ensino e aprendizagem para espaços não escolares, as saídas pedagógicas assumem um papel central na articulação entre teoria e prática, ao mesmo tempo que ampliam as possibilidades de mediação didática. Essa abordagem corrobora as diretrizes educacionais vigentes, que preconizam o ensino de História como uma prática que deve estimular o pensamento crítico, a compreensão das relações entre passado, presente e futuro, e o reconhecimento da diversidade cultural e da importância do patrimônio histórico como elemento constitutivo da identidade dos sujeitos e dos territórios.

Diante desse cenário, o presente artigo tem como objetivo analisar a importância das saídas pedagógicas como recurso metodológico para a aprendizagem em História no Ensino Fundamental II, discutindo suas contribuições para a qualificação do processo educativo, para o desenvolvimento de habilidades cognitivas e para a valorização da memória e da cultura local. Para tanto, fundamenta-se em referenciais

teóricos que discutem o ensino de História, a educação patrimonial e a utilização de espaços educativos, com vistas a demonstrar como essas atividades podem potencializar a construção do conhecimento histórico e a formação de cidadãos capazes de compreender e intervir na realidade social.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **O ENSINO DE HISTÓRIA: CONCEPÇÕES, DESAFIOS E PERSPECTIVAS**

O ensino de História no contexto educacional brasileiro passou por profundas transformações ao longo do tempo, refletindo as concepções de sociedade, cultura e educação vigentes em cada período histórico. Conforme analisado por Nadai (1992), inicialmente, o ensino de História caracterizou-se por uma abordagem memorística, centrada na narrativa de feitos de personagens ilustres e na construção de uma identidade nacional homogênea, distanciando-se da realidade dos alunos e da compreensão crítica dos processos sociais. Essa perspectiva tradicional, ainda presente em muitas práticas pedagógicas, tratava o conhecimento histórico como um conjunto de verdades absolutas e prontas para serem assimiladas, desconsiderando a natureza construída e interpretativa da História.

Dos Santos Schmidt (2012) reforça essa análise ao propor uma periodização para o ensino de História no Brasil, demonstrando como as finalidades dessa disciplina estiveram sempre atreladas aos projetos políticos e educacionais do país, alternando entre funções de legitimação de poder e, posteriormente, de formação crítica. Nas últimas décadas, conforme destacam Silva e Fonseca (2010), o ensino de História tem vivenciado um movimento de renovação, marcado por conquistas teóricas e metodológicas, mas também por desafios relacionados à formação de professores, à qualidade dos materiais didáticos e à necessidade de tornar o ensino mais significativo e conectado à vida dos estudantes.

Para Bittencourt (2018), o ensino de História deve ser compreendido como um processo que visa à formação da consciência histórica, ou seja, a capacidade do indivíduo de situar-se no tempo, compreender as relações entre passado, presente e futuro e perceber os mecanismos de construção da memória e do conhecimento. Nessa perspectiva, a História deixa de ser apenas um conteúdo a ser transmitido e se transforma em um instrumento fundamental para a leitura e a intervenção na realidade social. Ferreira e Franco (2008) corroboram essa ideia ao apontar que o principal desafio contemporâneo do ensino de História é superar a abordagem meramente descritiva e factual, para desenvolver no aluno a capacidade de análise, de questionamento e de interpretação crítica dos fatos e dos processos históricos.

Nesse sentido, Monteiro e Penna (2011) discutem o ensino de História como um campo de saberes que se constitui nas fronteiras entre diferentes áreas do conhecimento e entre a escola e a sociedade. Para esses autores, é necessário que o ensino esteja fundamentado em uma concepção de História como ciência que produz conhecimento, e não como uma narrativa definitiva, permitindo que os alunos compreendam que existem diferentes versões e interpretações sobre os acontecimentos, conforme as fontes e os pontos de vista adotados. Fernandes (2005) também ressalta a importância de se trabalhar com a diversidade cultural no ensino de História, visto que a sociedade brasileira é marcada por múltiplas matrizes e identidades, e a escola tem o papel de valorizar essa diversidade, combatendo preconceitos e reconhecendo a contribuição de diferentes grupos na formação do país.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **SAÍDAS PEDAGÓGICAS, EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E HISTÓRIA LOCAL**

As saídas pedagógicas se inserem como uma estratégia metodológica fundamental para atender às demandas atuais do ensino de História, ao possibilitar a articulação entre teoria e prática e a utilização de espaços fora da escola como ambientes educativos. Essa abordagem encontra respaldo nos

princípios da educação patrimonial, que, conforme definido por Teixeira (2008), consiste em um conjunto de ações que visam à compreensão, à valorização e à preservação do patrimônio cultural, tornando os alunos sujeitos ativos na relação com os bens materiais e imateriais que constituem a memória de uma sociedade.

Ao sair do espaço escolar e visitar museus, sítios históricos, arquivos, centros culturais ou mesmo espaços do cotidiano que possuem valor histórico, os estudantes entram em contato direto com as fontes primárias de História. Para Galzerani (2008), essa aproximação é essencial para a compreensão das categorias de tempo, memória e espaço, pois permite que o aluno perceba a História não como algo distante e abstrato, mas sim como algo que se materializa nos lugares, nos objetos e nas tradições que persistem até o presente. Bittencourt (2003) também destaca que a relação entre o ensino de História e o meio ambiente — entendido em sua dimensão física, social e cultural — é um caminho profícuo para a construção do conhecimento, pois o espaço geográfico é também um espaço histórico, carregado de marcas e significados produzidos ao longo do tempo.

Nesse contexto, a história local assume centralidade, pois é a partir do conhecimento da realidade próxima que o aluno pode ampliar suas compreensões para escalas mais amplas, como a história regional, nacional e mundial. De Barros (2013) argumenta que o trabalho com a história local e com as memórias da comunidade permite ao aluno reconhecer-se como parte integrante do processo histórico, desenvolvendo o sentimento de pertencimento e de identidade. Ao estudar a história do lugar onde vive, o educando percebe que ele também é um sujeito histórico, capaz de produzir transformações e de contribuir para a preservação da memória coletiva.

Portanto, as saídas pedagógicas, fundamentadas nesses pressupostos teóricos, deixam de ter um caráter meramente recreativo ou complementar e se configuram como um momento essencial de ensino e aprendizagem. Elas permitem colocar em prática as ideias defendidas pelos autores supracitados: tornar o conhecimento histórico acessível, crítico e significativo; valorizar a diversidade e a memória; e formar cidadãos capazes de compreender, respeitar e participar da construção da história e da cultura do seu território. Dessa forma, ao integrar a educação patrimonial e o estudo da história local por meio de atividades práticas, o ensino de História cumpre sua função social e educativa, conforme preconizam as diretrizes e os referenciais teóricos que orientam a educação básica no Brasil.

## **O ENSINO DE HISTÓRIA E A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA CRÍTICA**

O ensino de História desempenha um papel fundamental na formação da consciência crítica dos estudantes, contribuindo para que eles compreendam as transformações sociais, políticas, econômicas e culturais que moldam a sociedade ao longo do tempo. Segundo Nadai (1992), a trajetória do ensino de História no Brasil foi marcada por diferentes concepções pedagógicas, que refletiram os interesses e os contextos históricos de cada período. Atualmente, a disciplina busca superar práticas baseadas apenas na memorização de fatos e datas, priorizando a análise, a interpretação e a reflexão crítica sobre os processos históricos.

Nesse sentido, Bittencourt (2018) destaca que o ensino de História deve possibilitar aos estudantes a construção de conhecimentos que lhes permitam compreender a realidade social em que estão inseridos. A autora ressalta que a aprendizagem histórica contribui para o desenvolvimento da cidadania, uma vez que promove a reflexão sobre direitos, deveres, diversidade cultural e participação social. Dessa forma, o conhecimento histórico torna-se um instrumento para a compreensão dos desafios contemporâneos e para a atuação consciente dos indivíduos na sociedade.

As mudanças ocorridas no campo do ensino de História também evidenciam a necessidade de considerar diferentes sujeitos históricos e múltiplas perspectivas de análise. De acordo com Schmidt (2012), a evolução do ensino de História no Brasil demonstra uma ampliação dos conteúdos e das abordagens, incorporando temas relacionados às experiências de grupos sociais historicamente marginalizados. Essa perspectiva contribui para a construção de uma educação mais inclusiva e democrática, que reconhece a pluralidade das experiências humanas e valoriza diferentes formas de produção de conhecimento histórico.

A valorização da diversidade cultural constitui outro aspecto essencial para a formação crítica dos estudantes. Fernandes (2005) afirma que o ensino de História deve promover o respeito às diferenças culturais, étnicas e sociais, favorecendo o combate aos preconceitos e às desigualdades. Ao trabalhar

com diferentes narrativas e experiências históricas, o professor amplia as possibilidades de compreensão da sociedade e fortalece a formação de cidadãos capazes de conviver em um contexto plural e multicultural.

Além disso, Ferreira e Franco (2008) ressaltam que os desafios contemporâneos do ensino de História exigem práticas pedagógicas que estimulem a participação ativa dos alunos na construção do conhecimento. Nessa perspectiva, o estudante deixa de ser um mero receptor de informações para tornar-se sujeito do processo educativo, desenvolvendo habilidades de pesquisa, argumentação e interpretação crítica das fontes históricas. Essa abordagem favorece a autonomia intelectual e a capacidade de análise diante das informações presentes na sociedade contemporânea.

Monteiro e Penna (2011) complementam essa discussão ao enfatizarem que o ensino de História se constitui em um campo de saber situado em uma zona de fronteira entre a produção acadêmica e a prática escolar. Dessa forma, cabe ao professor selecionar e adaptar conhecimentos históricos de modo a torná-los significativos para a realidade dos estudantes, promovendo aprendizagens contextualizadas e socialmente relevantes. Tal processo contribui para aproximar o conhecimento histórico da vivência cotidiana dos educandos.

Por fim, Silva e Fonseca (2010) destacam que o ensino de História enfrenta desafios permanentes relacionados às transformações sociais, tecnológicas e educacionais. Entretanto, também apresenta importantes conquistas, especialmente no que se refere à valorização da reflexão crítica, da diversidade e da participação dos estudantes no processo de aprendizagem. Assim, ao promover a análise crítica da realidade, o respeito às diferenças e a compreensão dos processos históricos, o ensino de História cumpre sua função social e educativa, contribuindo para a formação de cidadãos conscientes, participativos e comprometidos com a construção de uma sociedade mais democrática e inclusiva.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo enfatiza a relevância das saídas pedagógicas como estratégia essencial para o ensino e a aprendizagem de História no Ensino Fundamental II, demonstrando que essas atividades vão além de simples passeios, configurando-se como momentos ricos e produtivos de construção do conhecimento. Ao possibilitar o contato direto dos estudantes com espaços, monumentos, acervos e manifestações que carregam marcas do passado, as saídas pedagógicas tornam os conteúdos históricos mais concretos, acessíveis e significativos, rompendo com a ideia de que a História se resume apenas a conceitos abstratos ou informações presentes nos livros didáticos.

Ficou evidente que, ao vivenciar esses locais, os alunos desenvolvem uma consciência histórica mais apurada, compreendem as relações entre passado, presente e futuro, além de reconhecerem a própria realidade e o território onde vivem como parte fundamental dos processos históricos. Essa prática também favorece o fortalecimento da identidade cultural e do sentimento de pertencimento, uma vez que permite valorizar a memória coletiva, os saberes locais e o patrimônio cultural como fontes legítimas de conhecimento.

Além disso, as saídas pedagógicas estimulam o pensamento crítico, a curiosidade, a capacidade de análise e interpretação, habilidades essenciais para a formação de cidadãos autônomos, participativos e comprometidos com a sociedade. Ao aproximar a escola do seu entorno, essa metodologia amplia os limites do espaço educativo, promove o diálogo entre instituição escolar e comunidade e contribui para uma educação mais dinâmica, contextualizada e alinhada aos princípios de uma educação crítica e transformadora.

Portanto, conclui-se que a inserção sistemática de saídas pedagógicas no planejamento escolar representa um caminho eficaz para qualificar o ensino de História, tornando-o mais envolvente e relevante, ao mesmo tempo em que prepara os estudantes para compreender, respeitar e preservar a diversidade e a riqueza da sua própria história e cultura.

O estudo sobre a importância das saídas pedagógicas para a aprendizagem em História no Ensino Fundamental II mostra-se relevante diante da necessidade de desenvolver metodologias que tornem o processo de ensino e aprendizagem mais significativos, participativo e contextualizado. Em um cenário educacional marcado pelo desafio de despertar o interesse dos estudantes pelos conteúdos históricos,

as saídas pedagógicas surgem como uma estratégia capaz de aproximar a teoria da prática, permitindo que os alunos vivenciem e observem elementos históricos presentes em seu cotidiano.

A relevância desta pesquisa também está relacionada à valorização da educação patrimonial e da história local, uma vez que as visitas a museus, monumentos, centros culturais, sítios históricos e outros espaços de memória favorecem o contato direto dos estudantes com fontes históricas e patrimônios culturais. Essa experiência contribui para a construção do conhecimento histórico de forma mais concreta, estimulando a reflexão crítica sobre a preservação da memória coletiva e da identidade cultural das comunidades.

Além disso, o estudo é importante porque evidencia o potencial das saídas pedagógicas para promover uma aprendizagem mais dinâmica e interdisciplinar. Ao explorar diferentes espaços educativos, os alunos desenvolvem habilidades de observação, investigação, análise e interpretação, fortalecendo competências essenciais para sua formação acadêmica e cidadã. Essas atividades também favorecem a participação ativa dos estudantes no processo de aprendizagem, tornando-os protagonistas na construção do conhecimento.

Outro aspecto relevante refere-se à contribuição das saídas pedagógicas para o fortalecimento do sentimento de pertencimento e da compreensão dos processos históricos em diferentes escalas. Ao conhecer a história de sua comunidade e de seu patrimônio cultural, o estudante passa a compreender melhor sua inserção na sociedade e sua relação com os acontecimentos históricos mais amplos, desenvolvendo uma visão crítica sobre o passado e o presente.

Por fim, esta pesquisa possui relevância acadêmica e social por contribuir para as discussões sobre práticas inovadoras no ensino de História, oferecendo subsídios para professores, gestores e demais profissionais da educação interessados em ampliar as possibilidades metodológicas no Ensino Fundamental II. Dessa forma, o estudo reforça a importância de experiências educativas que ultrapassem os limites da sala de aula, promovendo uma aprendizagem mais significativa, crítica e conectada à realidade dos estudantes.

## REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Fernandes. Reflexões sobre o ensino de História. **Estudos Avançados**, v. 32, n. 93, p. 127-149, 2018.

NADAI, Elza. O ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva. **Revista Brasileira de História**, v. 13, n. 25/26, p. 143-162, 1992.

DE BARROS, Carlos Henrique Farias. Ensino de História, memória e história local. **Criar Educação**, v. 2, n. 2, 2013.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. Ensino de história e diversidade cultural: desafios e possibilidades. **Cadernos Cedes**, v. 25, n. 67, p. 378-388, 2005.

DOS SANTOS SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira. História do ensino de história no Brasil: uma proposta de periodização. **Revista História da Educação**, v. 16, n. 37, p. 73-91, 2012.

FERREIRA, Marieta de Moraes; FRANCO, Renato. Desafios do ensino de história. **Estudos Históricos (Rio de Janeiro)**, v. 21, p. 79-94, 2008.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa; PENNA, Fernando de Araujo. Ensino de História: saberes em lugar de fronteira. **Educação e Realidade**, v. 36, n. 01, p. 191-211, 2011.

SILVA, Marcos Antônio da; FONSECA, Selva Guimarães. Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas. **Revista Brasileira de História**, v. 30, n. 60, p. 13-33, 2010.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Meio ambiente e ensino de História. **História & Ensino**, v. 9, p. 37-61, 2003.

TEIXEIRA, Cláudia Adriana Rocha. A educação patrimonial no ensino de História. **BIBLOS-Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 22, n. 1, p. 199-211, 2008.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Memória, História e Tempo: perspectivas teórico-metodológicas para a pesquisa em Ensino de História. **Revista Cadernos do Ceom**, v. 21, n. 28, p. 15-32, 2008.